

Seção: Varia

O sujeito na Psicanálise e o sujeito na Análise do Discurso: conceitos, semelhanças e distanciamentos

The subject of Psychoanalysis and the subject of Discourse Analysis:
concepts, similarities, and distances

El sujeto del Psicoanálisis y el sujeto del Análisis del Discurso: conceptos,
semejanzas y distancias

Georgius Cardoso Esswein¹

Pedro Henrique Conte Gil²

Fernando Hartmann³

Resumo

O conceito de sujeito é central no campo teórico tanto da Psicanálise quanto da Análise do Discurso. O objetivo deste trabalho é apresentar as concepções de sujeito dessas duas áreas do conhecimento e possíveis semelhanças e distanciamentos. Freud apresentou um indivíduo que se constitui através de formações do inconsciente. Lacan, ao adentrar o campo da linguística, propõe um conceito de sujeito como efeito da linguagem, a partir de processos constitutivos, que incluem o sujeito dividido em enunciado e enunciação. Já a Análise do Discurso de Pêcheux, alinhada com as proposições de Althusser, concebe o sujeito enquanto sempre-já, uma vez que rituais ideológicos já situam os sujeitos no terreno da ideologia. Observa-se que ambas as proposições se referem à constituição do sujeito a partir de determinações: o inconsciente e a ideologia, mas diferem-se em relação ao processo. Aproximando o conceito de gozo ao de ideologia, propomos que o predicado agregado ao sujeito é o efeito da ideologia, assim como o ganho que o sujeito tem na sua submissão. O reconhecimento de um lugar, de um Eu é o que oportuniza ao sujeito se distanciar da noção de ser efeito do social e das relações políticas que o atravessam.

Palavras-chave: Sujeito. Psicanálise. Análise do Discurso. Inconsciente. Ideologia.

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-doutorado no PPG Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Professor na Universidade La Salle Canoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6757-1954>. E-mail: georgius.esswein@gmail.com.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral na Université-Paris Nanterre. Professor no Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1158-8199>. E-mail: pedrohcontegil@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-doutorado em Psicopatologia e Psicanálise realizado na Université Paris 7 - Diderot. Professor no curso de Psicologia da UFRGS e no Programa de Pós Graduação Psicanálise Clínica e Cultura (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6056-8931>. E-mail: fernandohartmann37@gmail.com.



Abstract

The concept of the subject is central to the theoretical fields of both Psychoanalysis and Discourse Analysis. The aim of this paper is to present the conceptions of the subject developed within these two areas of knowledge, as well as their possible similarities and differences. Freud presented an individual constituted through formations of the unconscious. Lacan, upon engaging with the field of linguistics, proposes a concept of the subject as an effect of language, grounded in constitutive processes that include the division between enunciation and the enunciated. Pêcheux's Discourse Analysis, aligned with Althusser's propositions, conceives the subject as always-already constituted, insofar as ideological rituals already place subjects within the field of ideology. It is observed that both propositions refer to the constitution of the subject through determinations, namely the unconscious and ideology, although they differ in relation to this process. By bringing the concept of jouissance closer to that of ideology, we propose that the predicate attached to the subject is an effect of ideology, as well as the gain the subject obtains through submission. The recognition of a place, of a Self, is what allows the subject to distance themselves from the notion of being an effect of the social and political relations that traverse them.

Keywords: Subject. Psychoanalysis. Discourse Analysis. Unconscious. Ideology.

Resumen

El concepto de sujeto es central en el campo teórico tanto del Psicoanálisis como del Análisis del Discurso. El objetivo de este trabajo es presentar las concepciones del sujeto de estas dos áreas del conocimiento, así como sus posibles semejanzas y distanciamientos. Freud presentó un individuo que se constituye a través de formaciones del inconsciente. Lacan, al adentrarse en el campo de la lingüística, propone un concepto de sujeto como efecto del lenguaje, a partir de procesos constitutivos que incluyen al sujeto dividido entre enunciado y enunciación. Por su parte, el Análisis del Discurso de Pêcheux, alineado con las proposiciones de Althusser, concibe al sujeto como siempre-ya constituido, dado que los rituales ideológicos ya sitúan a los sujetos en el terreno de la ideología. Se observa que ambas proposiciones se refieren a la constitución del sujeto a partir de determinaciones, a saber, el inconsciente y la ideología, aunque difieren en relación con el proceso. Aproximando el concepto de goce al de ideología, proponemos que el predicado agregado al sujeto es efecto de la ideología, así como la ganancia que el sujeto obtiene a través de su sometimiento. El reconocimiento de un lugar, de un Yo, es lo que permite al sujeto distanciarse de la noción de ser efecto de lo social y de las relaciones políticas que lo atraviesan.

Palabras Clave: Sujeto. Psicoanálisis. Análisis del Discurso. Inconsciente. Ideología.

Introdução

O surgimento da Psicanálise, a partir da formulação do inconsciente por Freud, produziu uma inflexão importante na maneira de compreender o humano. Ao deslocar o sujeito da centralidade da razão, Freud propõe uma leitura em que a vida psíquica passa a ser entendida a partir de determinações que escapam ao controle do próprio indivíduo. Rompendo assim, com a tradição do sujeito da razão. Um marco teórico dessa inovação é a publicação de “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2019), em que, na virada do século, Freud sistematiza os mecanismos envolvidos no funcionamento do inconsciente. A partir dessa construção, passa a sustentar que a constituição psíquica se dá por meio de um percurso que antecede a experiência consciente. Essa perspectiva inaugurou um campo de interlocução amplo com diferentes áreas das ciências humanas, cujas discussões seguem sendo atravessadas pelas contribuições da Psicanálise.

Posteriormente, Lacan, ao propor um retorno à obra de Freud, o faz a partir de uma leitura de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Com amparo da linguística, a linguagem recebe um papel de destaque, já que é por ela que os efeitos do inconsciente se fazem conhecer (Lacan, 1957/1998a). Nessa perspectiva, Lacan vai substituir o conceito de indivíduo, enquanto unidade indivisível, pelo conceito de sujeito dividido. Essa divisão, a qual ele busca na linguística, se refere à separação entre sujeito da enunciação (ato transitório) e sujeito do enunciado (produto do ato, a materialidade linguística).

Uma área de conhecimento que se amparou em alguns pressupostos da psicanálise é a Análise do Discurso (AD). Proposta por Michel Pêcheux (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014), articula diferentes regiões do conhecimento científico, a saber, o materialismo histórico, a linguística e uma teoria do discurso. Ainda, segundo Pêcheux (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014), a AD é atravessada por uma teoria da subjetividade não subjetiva, que é de natureza psicanalítica, uma vez que considera os pressupostos do inconsciente. A AD, com base na releitura que Althusser faz de Marx, concebe um indivíduo que é interpelado em sujeito pela ideologia. Constitui-se, portanto, nessa costura entre inconsciente e ideologia.

Na psicanálise lacaniana, a divisão do sujeito em enunciação e enunciado possibilitou ampliar a hipótese de existência do inconsciente, postulada por Freud, pela concepção de sujeito do inconsciente. Desta forma, o sujeito passa a ser concebido como

efeito do discurso. Um sujeito que produz um enunciado, ou seja, produz materialidade linguística, que proporciona a criação e manutenção da cultura a partir das marcas deixadas pelos atos humanos no mundo. São justamente estas marcas, na categoria de significantes, que possibilitarão Lacan dizer que o inconsciente é o social, a política, o discurso do Outro. Seguindo este caminho, podemos entender o porquê da AD se interessar em conversar com a psicanálise e vice-versa.

Este artigo aprofunda e amplia uma discussão sobre essas concepções de indivíduo e sujeito iniciada em trabalho anterior (Gil & Esswein, 2021). A proposta deste trabalho é apresentar de forma sucinta as concepções de indivíduo em Freud, e de sujeito em Lacan e na AD de Pêcheux, além de possíveis semelhanças e distanciamentos. Ao final, discute-se, a partir de pontuações de Pêcheux, como a proposta da AD parece tomar a forma-sujeito mais como uma perspectiva de “Eu” freudiana do que de um sujeito dividido, lacaniano.

Da constituição psíquica do indivíduo em Freud ao conceito de sujeito em Lacan

Apesar de ser propositora da causalidade psíquica, a obra freudiana não articula um conceito de sujeito, tal como Lacan. Mas propõe o processo constituinte de um indivíduo, atravessado pela instância do inconsciente. Desta forma, na obra freudiana, a constituição do psiquismo não é concebida como algo dado desde o início, mas como resultado de um processo complexo, marcado por transformações nos modos de investimento libidinal. Nos primeiros momentos da vida, não há uma delimitação estabelecida entre o Eu, o Id e o mundo externo, o que indicaria uma organização ainda indiferenciada da experiência subjetiva. Nesse contexto, a libido encontra-se predominantemente voltada para o próprio corpo, configurando o estado que Freud descreve como narcisismo primário.

A existência de um Eu neste indivíduo está relacionada a um deslocamento nesse regime inicial de investimento. À medida que a libido passa a dirigir-se a objetos externos, instaura-se uma dinâmica que ultrapassa o autoerotismo e inaugura a possibilidade do amor de objeto. Ou seja, da relação com o outro. Esse movimento não ocorre de forma linear, mas a partir de rearranjos progressivos na economia psíquica, que permitem ao sujeito estabelecer novas formas de relação com o outro. Como assinala Freud

(1914/2010), “é preciso começar a amar, para não adoecer” (p. 29), sugerindo que o fechamento narcísico implica efeitos sobre a organização do sofrimento psíquico.

É nesse campo de transformações que se inscreve o Complexo de Édipo (Freud, 1923/2011), concebido por Freud como “complexo nuclear” das estruturas psíquicas neuróticas. Longe de constituir uma etapa rígida, o conflito edipiano articula-se ao longo da obra freudiana como um processo que envolve identificações, investimentos e interdições, sendo decisivo na constituição do Eu e na inscrição da alteridade. A partir dele, o sujeito passa a organizar sua posição frente à diferença sexual, à lei e ao limite.

Do ponto de vista da constituição do indivíduo, pode-se compreender esse processo como a passagem de uma relação inicialmente marcada pela dependência de uma figura de cuidado para uma configuração triangular, em que a presença de um terceiro introduz a dimensão da castração. Com o tempo, o Complexo de Édipo passa a operar o corte, barrando o indivíduo através da representação da Lei (Freud, 1923/2011). Os desejos incestuosos e parricidas do conflito edipiano são submetidos a uma importante defesa psíquica, o recalçamento (*Verdrängung*). Esse processo marca a cisão entre o consciente e o inconsciente, uma vez que os conteúdos indesejáveis para o Eu são expulsos da consciência para o inconsciente (Freud, 1914/2010). Nesse contexto, de conflitos, investimento objetal, identificações e temor/aceitação da castração, que se dá a dissolução do conflito edipiano. Como resultado, a instância do Supereu se estabelece como herdeira do Complexo de Édipo (Freud, 1923/2011).

Os processos constituintes do psiquismo não se organizam linearmente, tampouco a partir de uma lógica de causa-efeito. Repercussões dessas diferenças nesses processos estão presentes desde os primórdios da teoria freudiana (Freud, 1894/1996; 1896/1996).

Na tentativa de elucidação dos fenômenos psicóticos, Freud (1924a/2011) propõe outras formas de organização do Complexo de Édipo, para além do recalçamento (*Verdrängung*) e suas modalidades de defesa. Para o que ocorre na psicose, propõe o conceito de negação (*Verwerfung*). Apesar de estruturas neuróticas e psicóticas serem efeito da incomensurabilidade entre as exigências pulsionais e civilizatórias, a diferença entre as estruturas situa-se nas diferentes instâncias psíquicas em conflito. Enquanto há conflitos entre o Eu e o Id, a psicose se coloca em um campo conflitivo entre o Eu e o mundo externo. Ainda que ambas as condições apresentem certa perda na relação do Eu com a realidade, as repercussões e formas de expressão de sofrimento destes mecanismos são distintas (Freud (1924b/2011).

Na neurose, o conflito entre as exigências pulsionais e as imposições da realidade é tratado pelo mecanismo do recalque, por meio do qual o Eu afasta determinados conteúdos da consciência, ainda que estes permaneçam ativos no inconsciente. Esses conteúdos recalcados tendem a retornar de forma indireta, dando origem às formações do inconsciente, como sintomas, sonhos e atos falhos, que expressam, de modo substitutivo, aquilo que não pôde ser simbolizado diretamente. Este processo se dá pela instauração da compensação substitutiva desses conteúdos não atendidos, movimento conhecido como o retorno do recaiado. Portanto, é diante do fracasso do recalamento (*Verdrängung*) que os sintomas neuróticos e as demais formações do inconsciente acontecem. Já na psicose, há um conflito entre o Eu e a realidade externa, que é rejeitada (Freud, 1924b/2011). Devido à fuga do Eu na relação com a realidade, predomina o inconsciente e suas manifestações. Deste modo, a produção de delírios pode ser interpretada como uma tentativa de organização psíquica e estabelecimento de laços com a realidade (Freud, 1915/2010; Freud, 1924a/2011).

Ao final de sua obra, Freud (1940/2018) discorre timidamente sobre outra estrutura psíquica, a perversão. Toma do fetichismo para demonstrar os impactos que o temor da castração tem no indivíduo, propondo que a criação do fetiche consistiria em uma tentativa de desmentir (*Verleugnung*) a castração, evitando que o Eu tenha que se haver com o temor e angústia do Complexo de Castração.

Portanto, para Freud, os movimentos das estruturas neuróticas e psicóticas seguem semelhante lógica. Já em Lacan, o que é entendido como processo constituinte não passa pela materialidade de um terceiro na relação diádica primitiva, mas pelo efeito da linguagem e suas marcas na constituição de um sujeito dividido, como veremos a seguir.

Ainda que as proposições freudianas acerca das determinações inconscientes descentrem o indivíduo de sua razão e consciência, é a partir do campo da Medicina que a Psicanálise é apresentada ao mundo (Lacan, 1953/1998a), buscando atender a critérios científicos da época de sua construção. Portanto, ainda que Freud tenha proposto uma teoria do aparelho psíquico e organização do circuito pulsional, que subverte a noção de Eu (Barroso, 2012), não há em suas proposições um conceito de sujeito.

Dentre os pós-freudianos, Lacan foi aquele que desenvolveu uma concepção de sujeito, que articula sua construção teórica. E como uma crítica aos pós-freudianos, Lacan propõe um retorno à causa freudiana (Lacan, 1953/1998a; 1957/1998a), retomando o fundamento da fala, abandonado sobretudo pela vertente inglesa. O retorno a Freud e o

fundamento da fala no campo psicanalítico situa a linguagem enquanto campo necessário para operacionalização conceitual (Lacan, 1953/1998a). Para esse retorno, Lacan lança mão da Linguística, área do conhecimento não explorada por Freud, ocupado em alicerçar a Psicanálise no campo da Medicina (Lacan, 1953/1998a).

Sendo assim, o retorno a Freud, proposto por Lacan (1957/1998a), concomitante a uma crítica aos pós-freudianos, se deu a partir do campo da linguística (Dor, 1991), o que implica em voltar-se à análise da fala a partir de uma rede de significantes. No entanto, avançando a partir da Linguística de Saussure (2008), Lacan sustenta a supremacia do significante sobre o significado, atribuindo ao significante a antecipação do sentido e a existência de um incessante deslocamento de significado nessa cadeia de significantes (Lacan, 1957/1998a). Pois, não há um sentido específico que esteja colado a um significante, este sempre escapa e abre para novas significações.

Na releitura que Lacan realiza da obra freudiana, o processo de constituição psíquica é reposicionado a partir da centralidade da linguagem. Nesse contexto, pode-se compreender tal processo organizado em tempos lógicos. Um primeiro momento de constituição, é descrito por Lacan (1949/1998a) a partir do chamado estágio do espelho. Trata-se da experiência em que o bebê, por volta dos seis meses, passa a reconhecer uma imagem de si mediada pelo olhar do Outro, geralmente encarnado na figura do cuidador. É essa mediação que permite que aquela imagem seja tomada como unidade corporal, antecipando uma forma de totalidade que o próprio bebê ainda não vivencia. A função do estágio do espelho diz respeito à constituição de uma relação entre o corpo e uma imagem que lhe confere existência. Essa identificação, ao mesmo tempo estruturante e alienante, fornece as bases para a formação do Eu Ideal (Lacan, 1949/1998a), na medida em que o sujeito passa a se orientar por essa imagem como referência de si.

Na perspectiva lacaniana, os efeitos da linguagem não são posteriores à constituição psíquica, mas a atravessam desde o início. Antes mesmo do nascimento, o sujeito já se encontra inscrito em um campo discursivo, por exemplo, na atribuição de um nome que o antecede e o situa simbolicamente (Lacan, 1957/1998a). Nessa direção, a literatura psicanalítica destaca o papel dos outros maternos na sustentação de um trabalho subjetivo que, ainda durante a gestação, antecipa a existência de um sujeito onde, inicialmente, há apenas um corpo. Isso implica considerar que o momento de constituição do eu, ainda que marcado pela dimensão imaginária, não pode ser pensado como anterior à linguagem. Ao contrário, ele depende de investimentos que se realizam no campo

simbólico daqueles que cuidam do bebê. É nesse movimento que se torna necessário supor um sujeito antes mesmo de sua efetiva constituição, sendo essa antecipação uma condição para que ele venha a se constituir como tal.

O estágio do espelho não é uma etapa a ser superada, mas uma cena estruturante em que o Eu se constitui na relação com o outro (Chaves, 2002). Trata-se de um processo que envolve tensões e descontinuidades, exigindo um percurso até que essa imagem possa ser reconhecida e assumida como própria (Ferrari & Alcântara, 2004). Nesse sentido, eventuais impasses nesse movimento têm sido relacionados, na literatura, à gênese de quadros psicopatológicos mais graves. Ao mesmo tempo, é nesse processo que se inscreve uma dimensão fundamental da constituição subjetiva: a possibilidade de o sujeito apropriar-se de uma imagem de seu próprio corpo, ainda que por meio de uma identificação que carrega um caráter alienante. Essa operação situa-se como um momento limiar no desenvolvimento psíquico, funcionando como uma passagem para reorganizações posteriores, dentre as quais se destaca a entrada na Complexo de Édipo (Lacan, 1949/1998a).

O retorno a Freud, a partir da linguística, implica uma releitura do Complexo de Édipo, que passa a ser compreendido por Lacan como uma operação de caráter metafórico, organizada em tempos lógicos. Em um primeiro momento, predomina uma relação de dependência entre a criança e a figura materna, encarnando o lugar do Outro, sustentada pela identificação com o desejo desse Outro. Nessa configuração, a criança se apresenta como objeto de desejo, o que marca uma primeira operação de simbolização na relação com o campo do Outro (Lacan, 1957/1998b). É a partir da oscilação entre ser ou não ser o falo para o Outro que se inaugura o segundo tempo do Complexo de Édipo, no qual a problemática da castração passa a operar, mediada pela função paterna.

No segundo tempo do Complexo de Édipo, a relação da criança com o desejo materno passa a ser atravessada pela incidência da função paterna. Em Lacan, essa função não se refere a uma pessoa, mas se trata de uma metáfora, um significante que substitui outro significante, anteriormente lançado à criança através do desejo materno. É nesse contexto que o falo se apresenta como significante da falta, estruturando a posição do sujeito em relação ao desejo do Outro. Portanto, a interdição imposta pelo Complexo de Édipo se refere à impossibilidade da criança em relação ao desejo materno, pois revela ao sujeito em constituição que a figura materna não pertence a ele (Lacan, 1957/1998b). Tal interdição favorece à criança em constituição questionar sua identificação fálica,

enquanto objeto de desejo materno. E assim, oportuniza à criança descobrir que o desejo da mãe está submetido à lei do desejo do Outro. A dialética do desejo materno faz eco na dialética da criança de ser ou não ser o falo. A figura paterna, o qual a criança supõe ter o objeto de desejo materno, ascende à posição de pai simbólico, fundamento da lei paterna. Tal processo oportuniza operar a simbolização da lei e declínio do Complexo de Édipo, ao introduzir a função significante do pai, o Nome-do-Pai (Dor, 1991).

O terceiro tempo do Complexo de Édipo corresponde ao momento em que a lei se inscreve no campo simbólico, produzindo uma reorganização na posição da criança em relação ao falo. Se anteriormente a questão se colocava em termos de ser ou não ser o falo para o Outro, passa-se a uma lógica em que está em jogo a possibilidade de tê-lo ou não. Nesse deslocamento, a criança pode orientar-se por diferentes vias identificatórias, seja tomando o pai como referência daquele que detém o falo, seja identificando-se com a posição materna, vinculada ao saber sobre o desejo. É a partir da operação da metáfora paterna que esse rearranjo se sustenta, recolocando o falo como significante e permitindo a estabilização da lei no psiquismo. Tal operação é decisiva para a constituição do sujeito, na medida em que organiza sua inserção no campo simbólico (Dor, 1991).

A constituição de sujeito através do Complexo de Édipo é o fundamento das chamadas estruturas clínicas, sendo elas a perversão, a neurose, e a psicose. A perversão, anteriormente mencionada, refere-se ao processo de negação de desidentificação com o falo materno, em que o significante Nome-do-Pai é negado, de forma que esse sujeito, ainda que inserido no campo simbólico, no campo da linguagem, nega-se a se desidentificar enquanto objeto de desejo. A estrutura neurótica é o que resulta de uma satisfatória inclusão do significante Nome-do-Pai, enquanto significante que insere o sujeito na lei da linguagem. Por fim, a psicose refere-se a uma estrutura desencadeada pelo fracasso da metáfora paterna, ou seja, a forclusão do significante Nome-do-Pai. Esse processo priva a criança de acesso ao campo simbólico, mantendo-se em uma relação imaginária com a mãe (Dor, 1991).

É importante destacar que a teoria lacaniana de constituição de sujeito propõe um complexo processo que avança de uma identificação imaginária para o acesso ao registro simbólico através da lei paterna. Assim como a clínica psicanalítica sempre apontou, não existem garantias em termos de constituição psíquica, sendo possível a constituição de diferentes estruturas, sujeitos e posições perante a linguagem e o mundo simbólico.

Portanto, para a Psicanálise lacaniana o sujeito não é apenas um indivíduo de “carne e osso”, mas efeito de significantes. A clínica escuta um sujeito como aquilo que aparece em um intervalo entre um significante e outro significante (Lacan, 1964/1985), o que implica concebê-lo como um sujeito dividido, constituído na e pela linguagem, diferentemente da noção de um Eu.

O sujeito na teoria da Análise do Discurso (AD) de Pêcheux e Althusser

A Análise do Discurso (AD) de tradição francesa, desenvolvida por Pêcheux (1969/2014), constitui-se como um campo teórico de orientação materialista-histórica que incorpora a psicanálise em seu quadro epistemológico (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014). Sua proposta se sustenta na articulação entre diferentes domínios do conhecimento: o materialismo histórico⁴, por meio de uma teoria das ideologias; a linguística, enquanto abordagem dos processos sintáticos e de enunciação; e uma teoria do discurso, voltada à produção de sentidos. Estes domínios são articulados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Nessa perspectiva, a noção de sujeito formulada pela Psicanálise — marcada pelo descentramento em relação à consciência e à intencionalidade — ocupa um lugar central na constituição teórica da AD. Esse referencial, inaugurado por Freud com a introdução do inconsciente e articulado à teoria da ideologia em Althusser, sustenta a proposta pècheutiana de uma teoria não-subjetiva da subjetividade (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014). Nesse processo, o sujeito é compreendido como efeito de um movimento de assujeitamento à ideologia, cuja dinâmica pode ser pensada a partir de dois mecanismos fundamentais: o esquecimento nº1 e o esquecimento nº2. Esses operadores dialogam com as instâncias do aparelho psíquico freudiano, sendo o primeiro relacionado ao registro inconsciente e o segundo às dimensões pré-consciente e consciente.

O esquecimento nº1 é o mecanismo de ilusão de que o sujeito é a gênese do que diz, e assim, ocultando que se trata de reproduções de já-ditos. Segundo a AD, esse processo permite que o indivíduo seja interpelado em sujeito sem o seu conhecimento. Já o esquecimento nº2 é o que possibilita ao sujeito posicionar-se ideologicamente, através

⁴ Construção teórica marxista que busca compreender o funcionamento e dinâmica das diversas formas históricas da reprodução da sociedade a partir da análise das condições materiais de existência (Marx, 1867/2015).

de processos acessíveis à consciência. Desta forma, o sujeito acredita ser livre e gênese do que diz, mas iludido por seus dizeres. Assim, é fadado a repetir aquilo que é permitido pela formação discursiva em que está inscrito, e o faz sem perceber (Pêcheux & Fuchs, 1975/2014).

Nesse sentido, embora a concepção de sujeito na AD dialogue com o sujeito do inconsciente formulado pela Psicanálise, não se trata de noções equivalentes (Borba-Rrodegger, 2011). O sujeito concebido pela AD é um sujeito do discurso e vinculado ao funcionamento discursivo. O próprio discurso, por sua vez, é entendido como efeito de sentido produzido entre sujeitos, constituindo-se como um dos modos de materialização da ideologia (Pêcheux, 1990). Essas concepções de sujeito e discurso não pressupõem uma subjetividade em que os sentidos se originam, ou um processo constituinte anterior.

Cabe destacar que a proposta pêcheutiana de uma teoria não-subjetiva da subjetividade se ancora na concepção althusseriana de sujeito, segundo a qual este é constituído pela ideologia por meio do processo de interpelação (Althusser, 1970/1996; Pêcheux & Fuchs, 1975/2014). Para Althusser (1970/1996) a ideologia é uma forma de conceber a realidade, através de práticas e formações sociais, que tem como efeito a reprodução das relações de produção que privilegiam classes dominantes. Portanto, ela seria uma “representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (1970/1996, p. 126). No entanto, apesar de se tratar de uma relação imaginária, trata-se de uma relação imaginária com existência material, pois se expressa no cotidiano e compõe as relações do sujeito com o mundo. Somente com essas concepções, de um sujeito interpelado pela ideologia, algo que é anterior à sua existência e é constituinte de sua existência e sua relação com o mundo, que se torna coerente articular inconsciente e ideologia.

Ao discutir a articulação entre inconsciente e ideologia, Pêcheux (1988) afirma que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (p. 161). Nessa direção, a contribuição de Althusser (1970/1996) é central ao sustentar que a ideologia possui um caráter eterno, operando de forma onipresente e trans-histórica, de modo análogo ao funcionamento do inconsciente descrito por Freud. É nesse contexto que a interpelação se configura como o mecanismo pelo qual a ideologia constitui os indivíduos como sujeitos (Althusser, 1990a). Dessa perspectiva, ideologia e sujeito não podem ser pensados separadamente: toda ideologia implica

sujeitos e se realiza por meio deles, ao mesmo tempo em que o sujeito só se constitui a partir dessa relação.

A interpelação ideológica opera de modo inescapável: o próprio reconhecimento de si como sujeito já constitui um de seus efeitos, aquilo que Althusser (1999b) denomina de “efeito ideológico elementar”. Portanto, a existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos em sujeitos, são a mesma coisa. Dessa perspectiva, a ideia de um indivíduo exterior à ideologia revela-se apenas como uma abstração teórica, uma vez que não há um “fora” a partir do qual ela possa ser negada. Mesmo as tentativas de se pensar uma exterioridade são produzidas no interior do próprio funcionamento ideológico. É com base nessa premissa que Althusser (1970/1996) sustenta o caráter eterno da ideologia, compreendida não em termos de temporalidade histórica, mas como uma estrutura que atravessa continuamente as formas de existência do sujeito.

No que se refere à constituição do sujeito, a AD parte do pressuposto de que a condição de sujeito não é algo a ser alcançado, mas já se encontra dada: os indivíduos são sempre-já sujeitos. Antes mesmo do nascimento, diferentes rituais ideológicos incidem sobre o bebê, atribuindo-lhe posições e lugares no interior de formações sociais. Elementos como a expectativa familiar, a nomeação e as primeiras marcas identitárias já o inscrevem em uma rede de significações que antecede sua própria experiência. A partir daí, o sujeito permanece continuamente atravessado por múltiplas formações ideológicas, familiares, religiosas, morais, escolares, civis, sendo constantemente convocado a responder às posições que lhe são atribuídas. Trata-se de uma dinâmica marcada por sobreposições e tensões, na qual o sujeito já se encontra implicado desde sempre. Como afirma Althusser (1999b), “cabe a ele se virar [com isso]” (p. 215). A estes conceitos tornam-se importantes de serem elucidados, para então refletirmos em que medida o sujeito da psicanálise freudo-lacaniana e o sujeito da AD pechêutiana se distanciam, ou até que ponto há possibilidades de aproximações.

Articulações entre o sujeito da psicanálise e o sujeito da Análise do Discurso (AD)

Como apresentado até aqui, o conceito de sujeito é fundamental, tanto para a psicanálise freudo-lacaniana, quanto para a AD. Freud, ao descentrar as determinações do indivíduo, situa a origem do psiquismo e sintomas no campo do inconsciente. Em sua construção teórica, os primórdios do que define como constituição psíquica estão situados

no fenômeno do Complexo de Édipo, em que o indivíduo atravessa o processo de elaboração da castração. Lacan, com suporte da linguística, propõe uma releitura de Freud, alçando estes processos a níveis imaginário, simbólico e real. Para Lacan, um primeiro momento, de identificação imaginária, oportuniza a constituição de um eu, que precisará atravessar a castração a nível simbólico, sendo ela realizada no campo da linguagem. Lacan realiza uma releitura importante ao rever a lei paterna enquanto lei do significante. Sendo assim, é na e pela linguagem que a Psicanálise apresentaria seus efeitos.

É importante considerar que tanto Freud quanto Lacan, referências centrais da psicanálise, desenvolveram suas formulações a partir da experiência clínica. Nesse sentido, a psicanálise se configura simultaneamente como campo teórico, investigativo e clínico, dimensões que não se separam. Por essa razão, quando dialoga com outras áreas do conhecimento, suas contribuições tendem a ser atravessadas pela lógica própria do tratamento psicanalítico. Contudo, ocupar-se da clínica não necessariamente coincide com os objetivos de outros campos, como é o caso da Análise do Discurso (AD). Esse ponto é relevante, pois sustenta diferenças importantes na forma como cada área concebe o sujeito, ainda que compartilhem interlocuções teóricas. Enquanto, na psicanálise, o sujeito é apreendido a partir da clínica e das determinações do inconsciente, na AD ele é compreendido fundamentalmente como efeito do discurso.

Portanto, constata-se que o sujeito da Psicanálise é diferente do sujeito da AD. No âmbito da psicanálise, a constituição do sujeito é concebida como um percurso não assegurado, que depende do investimento e apostas em uma antecipação de sujeito. Nessa direção, o bebê só pode se constituir enquanto tal na medida em que é enlaçado a um desejo que não se apresenta como anônimo, de um cuidador (Lacan, 1969/2003). Compreender o sujeito como efeito desse processo implica reconhecer a possibilidade de diferentes formas de organização psíquica, o que, por sua vez, exige distintas modalidades de intervenção clínica diante do sofrimento. Tal perspectiva é corroborada por diversas experiências clínicas com bebês, que evidenciam a pluralidade dos modos de constituição subjetiva (Jerusalinsky, 2011).

No campo da AD, a condição de sujeito não é concebida como resultado de um processo, mas como algo já dado: o indivíduo é sempre-já sujeito, inserido de modo contínuo em práticas de reconhecimento ideológico. Nessa perspectiva, Althusser (1999a) sustenta que a própria existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos em

sujeitos são a mesma coisa. A concepção de sempre-já sujeito implica em reconhecer que a ideologia é atemporal, portanto, eterna e trans-temporal (Althusser, 1970/1996; Althusser, 1999a). A sobredeterminação da ideologia sobre o sujeito assemelha-se à importância que a Psicanálise atribui aos processos inconscientes presentes na constituição psíquica. Tanto a ideologia, quanto o inconsciente, constituem o sujeito, e operam através e apesar dele.

Cabe, contudo, destacar a distinção entre conceber o sujeito como efeito de um processo de constituição e entendê-lo como sempre-já dado. Do ponto de vista psicanalítico, justamente por sua ancoragem na clínica, não há garantia quanto aos desdobramentos desse processo. Embora exista uma anterioridade simbólica, isso não assegura, de antemão, qual configuração subjetiva se estabelecerá. Tampouco é possível prever de que maneira se dará a relação com a linguagem ou qual estrutura psíquica resultará desse percurso. As implicações disso, do ponto de vista psicanalítico, se darão na clínica.

Para uma outra discussão que propomos, lembramos que o próprio Pêcheux (1978/1988), em seu texto cujo título toma emprestado do Seminário 11 de Lacan (1964/1985) a afirmação de que “Só há causa daquilo que falha” (Pêcheux, 1978/1988, p. 293), propõe uma discussão sobre o conceito de sujeito, a AD e a Psicanálise. Segundo ele, a proposta da AD havia tomado a forma-sujeito mais como uma perspectiva de “Eu” freudiana do que de um sujeito dividido, lacaniano. Por um lado, foi o que proporcionou que em alguns trabalhos em AD se acrescentasse um predicado ao sujeito: sujeito professor, sujeito aluno, sujeito policial, entre outros que o corpus de uma AD pudesse oportunizar. Por outro lado, ao sujeito lacaniano não cabe um predicado. O sujeito do inconsciente, do desejo, não se refere a um sujeito determinado, mas justamente o contrário, uma indeterminação radical tal qual como o conceito de inconsciente ou desejo. Aí reside uma diferença importante, pois em Psicanálise não há como determinar que aí está o inconsciente, sem este perder sua atemporalidade, seu estatuto de inconsciente. Da mesma forma, não temos como dizer ali está o desejo, sem este perder sua ambiguidade, contradição e impossibilidade de satisfação que o fazem ser desejo.

Retomando a afirmação de Althusser (1970/1996), de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, propomos uma reflexão a partir de sua inversão. Se o sujeito é um efeito do discurso, sempre já-sujeito, portanto, ele já estava lá desde antes de sua interpelação. Desta forma, propomos um questionamento que inverte essa lógica:

Não poderíamos dizer que o sujeito, na verdade, é interpelado em indivíduo pela ideologia? Esse questionamento faz eco, sobretudo, ao considerarmos novas formas de subjetivação e mal-estar contemporâneo, marcadas por narcisismos, que denunciam aspectos da ideologia dominante, que centram no indivíduo a fonte de seu próprio sofrimento e fracasso frente as demandas do mundo (Birman, 2022). Nesse sentido, propomos uma aproximação entre o conceito de ideologia e de gozo, como produção de sentido, conforme proposto por Lacan no seu ensino a partir do seminário XX, “Mais, ainda” (1975/1996). Pois, a ideologia proporciona um reconhecimento a este sujeito, que é efêmero e transitório, e um lugar para ser reconhecido, assumindo assim, um predicado.

A partir de uma leitura lacaniana de sujeito, é possível pensar que a ideologia opera na relação entre sujeito, sentido e reconhecimento, exercendo sua dominação através da articulação entre significantes. O predicado agregado ao sujeito por meio da ideologia também produz um ganho relacionado a essa submissão: a ilusão de unidade indivisível, de um Eu, que ocupa um lugar de reconhecimento. Efeitos disso estão na identificação de um Eu que possui um lugar, tal como um operário, um professor, um patrão, etc. Este reconhecimento é o que oportuniza ao sujeito se distanciar da noção de ser efeito do social e das relações políticas que o atravessam. Portanto, tal como o sintoma, a ideologia enquanto efeito de gozo, atribuiu um sentido, um lugar, àquilo que do gozo não é passível de articulação simbólica (Lacan, 1975/1996). Interessante notar que Freud (1921/2011), apesar de não partir de um conceito de sujeito, já nos indicava esse caminho ao descrever que o “Eu” é fruto de uma alienação do psiquismo às massas ideológicas. Ou seja, nos apresenta a própria ideia de indivíduo como produto da relação entre o psiquismo e a ideologia, nos remetendo, novamente, a ideia de que o sujeito é interpelado em indivíduo pela ideologia.

Essas proposições são realizadas na articulação entre a Psicanálise e a AD. Ainda que se tratem de campos distintos, sendo um deles um campo teórico, de clínica e pesquisa; e o outro, um campo teórico e metodológico de investigação da subjetividade, se entrecruzam a partir de leituras de conceitos como sujeito, gozo e ideologia. Propomos com o presente manuscrito uma tentativa de interlocução e demarcação de suas aproximações e distanciamentos, sem pretensão de uma análise última, mas como mais uma forma de apresentá-las. Espera-se que nossas proposições sirvam de inspiração e contribuam para futuras articulações teóricas e metodológicas.

Considerações finais

Este trabalho se propôs a apresentar, sucintamente, as concepções de sujeito da Psicanálise de Freud e Lacan, e da AD de Althusser e Pêcheux, além de possíveis semelhanças e distanciamentos. Enquanto a Psicanálise concebe o sujeito a partir do processo de constituição psíquica, a partir do investimento psíquico parental, a AD ampara-se no processo de interpelação do sempre-já sujeito, pela ideologia. Assume-se que ambas as teorias têm suas contribuições particulares e distintas para a compreensão desse conceito, que é a constituição do sujeito. Ao final, após apresentar as devidas aproximações e distanciamentos, propomos uma interpretação da ideologia a partir da concepção lacaniana de gozo, subvertendo a afirmação de Althusser (1970/1996) de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, para sugerir que a ilusão de unicidade, que constitui um indivíduo, é produto de uma ideologia, que interpela um já-sujeito. Novos estudos que interrelacionam essas áreas contribuiriam para a discussão.

Financiamento da pesquisa:

Este trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da concessão de Bolsa de Pós-Doutorado Júnior a um de seus autores, Georgius Cardoso Esswein.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1970. p. 105-142.
- ALTHUSSER, Louis. O Estado e seus aparelhos. In: ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999a. p. 97-120.
- ALTHUSSER, Louis. A propósito da ideologia. In: ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999b. p. 193-228.
- BARROSO, Afonso Figueiredo. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. *Barbaroi*, n. 36, p. 149-159, 2012.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BORBA-RODEGHER, Paula Liane Basso. *A escrita na psicose*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CHAVES, William César. A noção lacaniana da subversão do sujeito. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 22, n. 4, p. 68-73, 2002.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERRARI, André Gustavo; ALCÂNTARA, João Vítor Nogueira. Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva: algumas considerações. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 17, n. 178, p. 7-14, 2004.

FREUD, Sigmund. Neuropsicoses de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 53-77. Trabalho original publicado em 1894.

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 163-183. Trabalho original publicado em 1894.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios metapsicológicos e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. Trabalho original publicado em 1914.

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. Trabalho original publicado em 1923.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 176-183. Trabalho original publicado em 1924a.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 214-221. Trabalho original publicado em 1924b.

FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-*

1939). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 189-273. Trabalho original publicado em 1940.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Trabalho original publicado em 1900.

GIL, Pedro Henrique Conte; ESSWEIN, Georgius Cardoso. Quando emerge o sujeito? Reflexões sobre psicanálise e análise do discurso. In: FLORES, Giovanna Benedetto et al. (org.). *Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede*. Campinas: Pontes Editores, 2021. v. 4, p. 250–265.

JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Porto Alegre: Ágalma, 2011.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 36-103. Trabalho original publicado em 1949.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Trabalho original publicado em 1964.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. Trabalho original publicado em 1975.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324. Trabalho original publicado em 1953.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 496-536. Trabalho original publicado em 1957.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. Trabalho original publicado em 1957.

LACAN, Jacques. Notas sobre a criança. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-370. Trabalho original publicado em 1969.

MARX, Karl. *O capital, livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2015. Trabalho original publicado em 1867.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Trabalho original publicado em 1969.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988. Trabalho original publicado em 1978.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Trabalho original publicado em 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2008.

Recebido em: 27/09/2025

Aprovado em: 05/01/2026

Publicado em: 16/06/2026